ISSN: 2594-6153

A representação das Bruxas nas artes: uma leitura a partir da "História da Feiúra" de Umberto Eco

Railson da Silva Barboza

Universidade Federal Fluminense – Niterói-RJ,

E-mail: railson_barboza@yahoo.it

Resumo: O trabalho foi fruto do trabalho de conclusão de curso em pós-graduação em História da Arte, que teve por objetivo falar sobre a Arte e as representações de Feiúra na Arte à luz de Umberto Eco. Temos por base a obra do referido autor intitulado "*Storia della Bruttezza*", onde as representações da feiúra em variados períodos são explicados pela perspectiva histórica, artística e filosófica. Nesse artigo, falaremos em particular sobre a representação a bruxa nas representações artísticas, em especial nas pinturas, através de características estéticas que designam sua condição, tendo por objetivo relacionar sua imagem com a figura maligna e repulsiva. Dessa forma, a partir de uma revisão bibliográfica, tratamos de expor algumas representações artísticas das bruxas nas artes e suas principais características.

Palavras-chave: Arte, Bruxa, Umberto Eco, Feiúra, História da Arte.

The representation of Witches in the arts: a reading from Umberto Eco's "History of Ugliness".

Abstract: The work was the result of a postgraduate course conclusion work in Art History, which aimed to talk about Art and the representations of Ugliness in Art in the light of Umberto Eco. We are based on the work of the aforementioned author entitled "Storia della Bruttezza", where the representations of ugliness in various periods are explained by the historical, artistic and philosophical perspective. In this article, we will talk in particular about the representation of the witch in artistic representations, especially in paintings, through aesthetic characteristics that designate her condition, aiming to relate her image to the malignant and repulsive figure. Thus, from a literature review, we try to expose some artistic representations of witches in the arts and their main characteristics.

Keywords: Art, Witch, Umberto Eco, Ugliness, History of Art.

Introdução

A partir da apresentação da discussão teórica de Umberto Eco sobre a Arte, buscando entender a importância sobre as representações e seus significados, discorrendo sobre o tema enquanto objeto criado e objeto entendido, como foi construída a noção e a representação de feiúra na arte, tendo por argumento que "*i concetti di bello e brutto sono relativi ai vari periodi storici o alle varie culture*"[1] (ECO, 2018, p.10) [3]. Desse modo,

[1] "Os conceitos de belo e feio são relativos aos vários períodos históricos ou às várias culturas" – Tradução própria.

ISSN: 2594-6153

a construção desse conceito poderá variar de acordo com a sociedade, podendo assumir como feios os personagens pelos quais representam algum tipo de significado contraditório ou repulsivo para aquele contexto.

O valor de uma obra, segundo o autor italiano, não está reduzida ao instrumento material apenas, mas às "reações interpretativas que suscita" (ECO, 2020, p. 31) [1], não apenas como um produto derivado por uma autoria, mas como um meio que possibilita transcender, despertar sentimentos e criar padrões. A obra ao ser captada, apropriada por um expectador – que também é sujeito observador, cria um dinamismo que permitirá com que esse modelo, autônoma e harmonicamente produzido, inaugure novas possibilidades e sensações. O que chamamos por "obra de arte não é fruto de uma atividade misteriosa, mas um objetivo feito por seres humanos para seres humanos" (GOMBRICH, 2015, p.32) [4]. Assim, a partir da leitura de Umberto Eco procura-se entender a relação entre a figura representativa na arte da bruxa com o ideal de impureza e feiúra. Segundo Valério e Teixeira (2013, p.4) [5], "Eco destaca que, entre todas as mulheres condenadas à fogueira da inquisição, há um ponto em comum: a feiúra".

Dessa maneira, o presente trabalho buscará a relação entre a feiúra e a mulher na representação da mitologia da bruxa, figura marcante no imaginário popular, religioso e cultural, como símbolo de aversão e repulsa.

Objetivos

- Compreender a construção da bruxa como figura maléfica.
- Analisar a representação artística das bruxas em pinturas do século XVI e XIX.
- Discorrer sobre a feiúra como aspecto principal nessas representações.

Resultados

Segundo graças a uma espécie de misoginia, o mal sempre foi preferencialmente identificado às mulheres, mesmo havendo reconhecimento que tantos homens (feiticeiros) quanto mulheres (feiticeiras) praticavam a chamada magia negra (ECO, 2018) [3]. Nas palavras de Naomi Wolf (2018, p.110) [6], "na Igreja, muito embora os homens sofressem a tentação do desejo sexual, as mulheres eram descritas como sua perversa encarnação. Podemos relacionar esse *modus pensandi* com a alusão - própria do cristianismo – de uma possível união entre bruxas e o diabo, através de ritos que dariam ênfase ao aspecto pecaminoso – sexual, libertino, grotesco. Ou seja, a pecaminosidade seria reservada às mulheres que mantinham relação com a bruxaria, não aos homens. A

ISSN: 2594-6153

própria imagem da bruxa, lembra-nos Umberto Eco (2007, p. 203) [2], que "cavalga um cabo de vassoura representa uma clara alusão fálica". A imagem da bruxa não foi construída de repente, mas sim das narrativas que ligavam às curandeiras que detinham o conhecimento de ervas e da própria natureza, e que na subcultura popular representavam mulheres que mantinham relações íntimas com os demônios (ECO, 2007) [2].




Figura 1: *A aula antes do Sabá*, Louis Maurice Bouatet de Monvel, 1880, Nemours, Castelo.
Figura 2: *O Sabá das Bruxas*, Francisco de Goya, 1798 (aprox.), Madrid, Museo Lazaro Galdiano.

Era levado em consideração a constituição estética daquela mulher que seria acusada de bruxaria e perseguida. Basicamente, a maioria das condenadas tinha uma faixa etária mais elevada - que justificaria as inúmeras representações artísticas de bruxas idosas, com sinais nos rostos, verrugas e cabelos brancos – e influencia na projeção das artes pelos artistas ao longo dos anos. Isso atesta outra característica das representações artísticas sobre as bruxas: a depreciação, através dos signos de representação e da ironia, das mulheres idosas através da hermenêutica e do discurso de inutilidade.




Figura 3: *A bruxa*, Salvador Rosa, 1640-1649, Milão, coleção particular.
Figura 4: *La Vecchia*, Giorgio Barbarelli (Giorgione), 1506-1507, Veneza, Galleria dell'Accademia.

Discussão

Quando relacionamos estética e moral em um movimento de julgamento e depreciação, basicamente criamos seres mitológicos que perdurarão no imaginário popular e religioso. Podemos definir os conceitos como: "a beleza é o paraíso ou um

ISSN: 2594-6153

estado de graça; a pele ou a contagem de células adiposas é a alma; a feiúra é o inferno" (WOLF, 2018, p.112) [3], reforçando os paradigmas que definem a beleza numa sociedade que condena quem não se enquadra nos padrões pré-estabelecidos. O apogeu desse fenômeno acontece entre a Idade Média e o período barroco, cujo tema da *vituperatio*[2] à mulher feia encontra adeptos e defensores, "cuja feiúra manifestaria sua malícia interior" (ECO, 2007, p. 159) [2], confirmando que o mal nem sempre, foi objetivo de repulsa e afastamento das pessoas, mas fruto de uma narrativa que predominou e moldou por muitos séculos o entendimento do mundo. Assim, além de não terem suas dignidades respeitadas, as mulheres estereotipadas pela feiúra eram acusadas e atestadas como inimigas da sociedade, do bem comum e da beleza. Foram acusadas de bruxas, feiticeiras e constituintes de pacto com o demônio, marginalizando-as e pondo num limbo existencial.

A feiúra, nesse ponto, serviu como instrumento não somente de dominação, mas de violência contra as mulheres, tendo por objetivo subalternizá-las numa estrutura legitimada pela sociedade. Curiosamente, mesmo com os fins das perseguições produzidas pela Igreja e por seus inquisidores, a figura da bruxa não desapareceu do imaginário popular. Nas fábulas e nas literaturas – em especial as voltadas ao gênero do terror – elas ganham vida ao encarnarem a figura da mulher esteticamente feia, ou, na melhor das hipóteses de mulheres sedutoras, mas que em algum momento deixariam transparecer traços ambíguos que revelariam sua feiúra interior. No que diz respeito às representações artísticas, elas reproduziram externamente o que o ideal estético, internamente, depositou por longos séculos o que a crença popular e religiosa denominou como oposto do belo.

Conclusão

A representação do feio na arte teve por objetivo passar uma mensagem ao mesmo tempo fatalista e pedagógica, dramática e repulsiva, reforçando o discurso de que há neste mundo algo maligno. Algumas figuras foram estereotipadas e representadas analogamente como personificações do mal, dentre muitas trabalhamos uma: a bruxa, que carregava em si traços que denotavam idade avançada e poucos aspectos atrativos. A bruxa, inclusive, era constantemente associada ao diabo, "acusadas de realizar cerimônias

[2] Vituperatio foi uma técnica oratória romana utilizada tendo em vista à condenação e rebaixamento do outro como inimigo/adversário, encontrando falhas e defeitos no outro que servissem de reforço para sua tese.

ISSN: 2594-6153

blasfemas de adoração ao diabo" (ECO, 2007, p. 216) [2], encarnando a feiúra nos seus aspectos estéticos no intuito de representar algo dissociado do bem e da beleza. Todavia, essa representação tinha uma curiosidade: mesmo possuindo aspectos feios, foi constantemente associado à prática da sedução, ou seja, sendo "diabólico apenas na medida em que é dialeticamente insinuante e convincente" (ECO, 2007, p. 182) [2], escondendo-se através de uma roupagem repulsiva um sentido real de atração e desejo.

As bruxas personificaram um desejo proibido e repulsivo pelas mulheres, que foi possível externar através de um caminho condenatório. As artes, conduto, através de suas representações codificaram esses elementos, servindo de aparato na reprodução de ideais hegemônicos da época. A "velha" representava a depreciação, através dos signos de representação e da ironia, das mulheres idosas através da hermenêutica e do discurso de inutilidade, em primeiro momento. Posteriormente, não mais somente a faixa etária, mas a feiúra foi o critério na reprodução e relação do mau às mulheres. Isso explica porquê surgiram algumas reproduções artísticas com aspirantes à bruxa com a faixa etária menor.

Agradecimentos: O autor Raílson da Silva Barboza gostaria de agradecer o apoio dado pelos organizadores do evento, à sua família e pela CAPES.

Referências

1. ECO, Umberto . **A definição da arte.** Tradução de Eliana Aguiar. Editora Record. Rio de Janeiro, 2020.
2. _____. **História da Feiúra**. Tradução de Eliana Aguiar. Editora Record. Rio de Janeiro, 2007.
3. _____. **Storia della Bruttezza**. Giunti Editore S.p.A/Bompiani. Milano, 2018.
4. GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte.** Tradução de Álvaro Cabral. Editora LTC. 16ª Edição. Rio de Janeiro, 2015.
5. VALÉRIO, Maristela Scremin; TEIXEIRA, Nincia Cecília Ribas Borges. **Faces da feiúra na contemporaneidade: a narrativa de Luci Collin.** Seminário Internacional Fazendo Gênero X. (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013.
6. WOLFF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 1ª Edição. Editora Rosa dos Ventos. Rio de Janeiro, 2018.